

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPEP
COORDENADORIA INSTITUCIONAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – CIED
ESPECIALIZAÇÃO EM ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA EDUCAÇÃO BÁSICA COM USO DE TIC

FRANCISCO THIAGO DOS SANTOS BEZERRA

**O YOUTUBE E SUAS INFLUÊNCIAS POSITIVAS E NEGATIVAS NO
APRENDIZADO DE HISTÓRIA NO ENSINO MÉDIO**

MACEIÓ
2020

FRANCISCO THIAGO DOS SANTOS BEZERRA

**O YOUTUBE E SUAS INFLUÊNCIAS POSITIVAS E NEGATIVAS NO
APRENDIZADO DE HISTÓRIA NO ENSINO MÉDIO**

Artigo científico apresentado ao curso de especialização em Estratégias Didáticas para Educação Básica com uso de TIC da Universidade Federal de Alagoas como requisito para obtenção do grau de especialista em curso de pós-graduação. Orientação: Prof.^a Dr.^a LÍlian Kelly de Almeida Figueiredo

MACEIÓ
2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA EDUCAÇÃO BÁSICA, COM USO
DAS TIC

DECLARAÇÃO

FRANCISCO THIAGO DOS SANTOS BEZERRA

**O YOUTUBE E SUAS INFLUÊNCIAS POSITIVAS E NEGATIVAS NO APRENDIZADO
DE HISTÓRIA NO ENSINO MÉDIO**

Trabalho apresentado ao Colegiado do Curso de Especialização Estratégias Didáticas para Educação Básica, com uso das TIC do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em 21/03/2020

Orientadora: Dra. Lillian Kelly Figueiredo Santos

Comissão Examinadora:

Maceió, 21 de março de 2020

Lillian Kelly de Almeida Figueiredo Voss

Professora Dra. Lillian Kelly de Almeida Figueiredo Voss – Presidente

Lilian Carmen Lima dos Santos

Professora Dra. Lilian Carmen Lima dos Santos

Adilson Rocha Ferreira

Professor Adilson Rocha Ferreira

O YOUTUBE E SUAS INFLUÊNCIAS POSITIVAS E NEGATIVAS NO APRENDIZADO DE HISTÓRIA NO ENSINO MÉDIO

Francisco Thiago dos Santos Bezerra
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lílian Kelly de Almeida Figueiredo ¹

RESUMO

Diante do aumento da propagação de Fake News, da polarização política entre os espectros de direita e esquerda, o aparecimento de teorias conspiratórias e revisionistas, assim como as falsificações, o obscurantismo e distorções com objetivos políticos no Brasil, a intenção do presente trabalho é analisar os vetores que trazem a desinformação para o público escolar, formado por alunos da educação básica, através da plataforma de streaming de vídeos, YouTube, e identificar seus autores, métodos e objetivos assim como apontar ferramentas de combate a essas práticas prejudiciais para o bom entendimento da história e das ciências como um todo nessa TDIC. Para a elaboração do trabalho foi utilizada a metodologia de análise bibliográfica na forma de livros, artigos científicos e sites especializados e análise de material áudio visual de diversos canais do YouTube.

Palavras-chave: Obscurantismo, YouTube, TDIC, ciência, história, internet.

ABSTRACT

In view of the increasing spread of Fake News, of the political polarization between the right and left spectra, the appearance of conspiracy and revisionist theories, as well as the falsifications, obscurantism and distortions with political objectives in Brazil, the intention of this paper is to analyze the vectors that bring misinformation to the school audience, formed by students of basic education, through the video streaming platform, YouTube, and identify their authors, methods and objectives as well as pointing out tools to combat these harmful practices for good understanding of history and science as a whole in this TDIC. For the preparation of the work, the methodology of bibliographic analysis was used in the form of books, scientific articles and specialized websites and analysis of audiovisual material from several YouTube channels.

Keywords: Obscurantism, YouTube, TDIC, science, history, internet.

¹ Professora Adjunta II, da Universidade Federal de Alagoas - Campus do Sertão, lilian.kelly30@gmail.com;

1 – Introdução

Este trabalho surge da necessidade de analisar os conteúdos de história para ensino médio, em um contexto de forte polarização política e ideológica que levanta teorias revisionistas baseadas em falácias, informações distorcidas, obscurantismo e doutrinação ideológica amplamente difundidas em redes sociais e no YouTube por canais de influenciadores digitais de extrema direita.

Pretende ainda, identificar quem atua nessas distorções, quem se beneficia com elas e que meios existem para manter uma TDIC abrangente como o YouTube numa fonte de material confiável, didaticamente falando, com material cientificamente embasado respeitando os métodos histórico e científico.

Desde a popularização da internet na década de 1990, o volume de informação a disposição das pessoas tem aumentado geometricamente em praticamente, todas as áreas do conhecimento proporcionando acesso a temas, até então, restritos a academia e a ambientes específicos. Com a criação das redes sociais esse grande volume de informações cresceu ainda mais e esse conteúdo chega cada vez mais rápido as pessoas que acessam cada vez mais a internet no Brasil.

O percentual de domicílios que utilizavam a Internet subiu de 69,3% para 74,9%, de 2016 para 2017, representando uma alta de 5,6 pontos percentuais. Nesse período, a proporção de domicílios com telefone fixo caiu de 33,6% para 31,5%, enquanto a presença do celular aumentou, passando de 92,6% para 93,2% dos domicílios. Essas são algumas informações da PNAD Contínua TIC 2017, pesquisa domiciliar do IBGE que investiga o acesso à Internet e à televisão, além da posse de telefone celular para uso pessoal (IBGE, 2017).

O ensino de história tem sido bastante, polarizado e hostilizado nos últimos anos com a massificação da informação e um dos grandes veículos de propagação desse quadro desfavorável ao profissional da educação é a internet, especialmente redes e mídias sociais como Facebook e YouTube.

Diversos influenciadores postam conteúdo para milhões de visualizadores com informações de procedência duvidosa, manipuladas e com escasso ou nenhum embasamento teórico e científico se valendo tão apenas de linguagem acessível, as vezes agressiva, assim como, o uso da popularidade entre os jovens para ter seu discurso aceito e propagado em detrimento da ciência. (NETO, 2019, p. 87)

Como consequência disso, muitos alunos da educação básica estão cada vez mais crentes na suposta verdade dita pelos “digitais influencers” e mais resistentes aos

conteúdos de sua grade curricular lecionado em sala de aula pelos professores de história e demais ciências humanas, que nesse contexto vem sendo atacada e criticada por revisionistas e negacionistas com discursos conservadores.

Diante desse cenário a proposta desse trabalho se caracteriza por identificar quais são os tipos de influências exercidas pelo YouTube que afetam diretamente o ensino de história? Quais são canais ou grupos que vem contribuindo para a formação crítica de jovens estudantes do ensino médio? E de que forma esses materiais podem ser usados como TDIC e as influências negativa e/ou positiva que esse material pode exercer em alunos da educação básica. Buscou-se evidenciar como plataformas de vídeo e mídias sociais podem ser aliadas ao ensino de história, principalmente em meio a tamanha onda revisionista ideologizada.

O professor necessita conhecer, além desse universo de informações em que seu aluno está inserido, meios para orientá-lo de forma adequada na pesquisa de conteúdo como contraponto a atual onda de obscurantismo.

Identificar as fontes, em plataformas de vídeo disponíveis na internet, mais utilizadas pelos alunos da educação básica no ensino médio e confirmar se existe fundamento científico ou obscurantismo nos vídeos e canais mais acessados.

No entanto, como diriam os romanos *scientia potentia est* ou “conhecimento é poder” e o poder da internet voltado para fins educacionais na forma de TIC ou TDIC no ensino básico, orientado por profissionais capacitados, pode contribuir significativamente para mudar vidas e realidades sociais em qualquer lugar do Brasil e do mundo. O poder emancipador da educação pode ser ampliado em escala geométrica, uma vez que tanto a internet quanto os aparelhos que são utilizados para acessá-la tem se tornado virtualmente populares na última década.

2 – Origens da Internet e sua influência na educação.

No final do século XX, o acesso ao conhecimento científico cresceu exponencialmente em relação ao que se tinha como fonte de informação anteriormente a chegada da rede mundial de computadores na metade da década de 1990. A comunicação e o acesso ao conhecimento foram totalmente repaginada com o advento da World Wide Web (WWW) e as relações sociais e os métodos de educação passaram por uma verdadeira revolução.

Após a chegada da comunicação em rede, apesar desse tipo de comunicação ser anterior até mesmo a invenção da escrita se baseando em atividades de grupo pautadas na necessidade de sobrevivência, a internet ampliou as redes e conectou diversos grupos com propósitos e objetivos comuns, inicialmente, e sugerindo outras temáticas, grupos, pontos de vista e relacionamentos baseados na interação virtual.

O uso da Internet como sistema de comunicação e forma de organização explodiu nos últimos anos do segundo milênio. No final de 1995, o primeiro ano de uso disseminado da world wide web, havia cerca de 16 milhões de usuários de redes de comunicação por computador no mundo (CASTELLS, Manuel, 2003, P, 04)

Atualmente, tem-se muito mais informação a nossa disposição do que em qualquer momento da história humana. Desde a invenção da imprensa por Gutemberg no século XV, que propiciou o período conhecido como iluminismo, não era vista uma transformação tão rápida e avassaladora na cultura, na ciência, na educação e consequentemente na sociedade como um todo.

Mesmo falando em um período de absoluta reviravolta histórica no período entre os séculos XV e XVI quando “cerca de 13 milhões de livros estavam circulando naquela data em uma Europa com 100 milhões de habitantes.” (BRIGGS; BURKE, 2006, p., 24). A quantidade de informação à nossa disposição é bem maior do que Aristóteles, Da Vinci, Rousseau ou Einstein poderiam imaginar e tudo nas pontas de nossos dedos, acessados via computadores e smartphones e por outros recursos tecnológicos.

A internet ou sua versão mais rudimentar, surge no auge da guerra fria, em 1969, na forma de uma rede de computadores chamada Arphanet montada pela Advanced Research Projects Agency (ARPA). Uma agência que tinha ligação direta com o departamento de defesa dos Estados Unidos e tinha por objetivo mobilizar informações acadêmicas que pudesse fornecer suporte tecnológico aos americanos nas corridas armamentista e espacial. (CASTELLS, 2003, p.13).

Parafraseando Briggs e Burke (2006), as bases da internet eram sim de origem militar se contrapondo ao projeto Sputnik da URSS, mas seu desenvolvimento foi acadêmico e seu uso civil era de bastante relevância para o desenvolvimento da rede.

O primeiro (microprocessador) (...) chegou ao campus da Universidade da Califórnia, em Los Angeles, em janeiro de 1969, quando Leonard Kleinrock os instalou e usou em seu laboratório; em dois anos a Arpanet era totalmente operacional. As mensagens de e-mail eram a base da comunicação, e nem todas as informações tratavam de assuntos de defesa (BRIGGS & BURKE, 2006, p. 301).

Na década de 1990, após o colapso da União Soviética e fim da guerra fria, o uso da internet deixa de ser predominantemente militar e passa a ser de grande uso da sociedade civil, ampliando a rede a partir da América do Norte e se conectando a Europa via cabos submarinos de fibra ótica (CASTELLS, 2003, p, 15).

Diariamente, quantidades massivas de pessoas interagem via internet ou simplesmente “navegam” por aplicativos, jogos, serviços de streaming de vídeo, sites de busca entre outras fontes de entretenimento ou informação, fazendo um fluxo constante e uma troca de informações que deixaria o período renascentista “com inveja” da diversidade presente na rede de interações, sejam elas síncronas ou assíncronas.

Hoje praticamente qualquer um pode capturar, editar e compartilhar pequenos vídeos, utilizando equipamentos baratos (como celulares) e softwares gratuitos e livres. Sites de compartilhamento de vídeos crescem bastante, e o que costumava ser difícil e caro, requerendo servidores e redes de distribuição de conteúdo, tornou-se algo que qualquer um pode realizar facilmente e praticamente sem custo (MATTAR, 2009, p.03).

Nesse contexto surgem as redes sociais, como o Orkut, Facebook e Twitter as e as mídias sociais, como o YouTube amplificando a interação entre pessoas e grupos, porém, inicialmente com objetivos recreativos agrupando pessoas com objetivos comuns, gostos parecidos em discussões no formato de fórum, tendo apenas mais tarde com o que pode se chamar de um “amadurecimento” tanto das redes quanto do público usos voltados para atividades mais complexas como discussões políticas e acadêmicas. (BRIGGS & BURKE, 2006, p. 298)

3 – O YouTube, um celeiro de influências

O YouTube, que hoje é um rico celeiro de formadores de opinião, já se tornou também um polo de difusão e divulgação de conteúdo científico com muitos canais voltados para o conteúdo escolar e acadêmico em diversos níveis de complexidade. “O YouTube, lançado em 2005 e adquirido pelo Google em 2006, apresenta inúmeros recursos que, à primeira vista, podem não demonstrar nenhum apelo pedagógico, mas que podem ser utilizados com muito sucesso em educação (MATTAR, 2009, p.04).

O YouTube é uma plataforma de cultura participativa, ou seja, seu produto vem de uma interação entre: conteúdo produzido pelo usuário e divulgados em canais particulares ou de empresas ou grupos de empresas, tecnologias digitais acessíveis como laptops e smartphones e segmentos do mercado de mídia que denotam o interesse e o foco

dos conteúdos e nível de relevância de influenciadores e seus respectivos canais. (BURGRESS E GREEN, 2006, p, 28)

Esse tipo de mídia ganhou muito espaço quando após a implantação da política de monetização de conteúdo em 2006 e a compra do YouTube pelo Google, obteve do retorno financeiro aos produtores de conteúdo por meio de porcentagens sobre ganhos de publicidade atrelados aos vídeos. Além de endossamento de marcas e produtos ao influenciador e patrocínios aos canais que atualmente ainda podem recorrer a doações feitas pelo seu público inscrito em troca de conteúdo adicional exclusivo e brindes especiais.

A monetização atraiu criadores de conteúdo de todos os estilos possíveis e isso não se restringiu apenas a área do entretenimento tendo atraído, também, produtores de conteúdo voltados para a educação tendo em vista a grande quantidade de canais com vídeos preparatórios para vestibulares e concursos públicos.

A gratuidade do acervo do YouTube é um ponto chave, tendo em vista que para reproduzir seus vídeos em sala de aula é necessário apenas o aparato básico, ou seja um laptop conectado à internet e um projetor de imagem, uma vez que, não é necessário assinatura ou pagamento de royalties ou direitos autorais por parte do espectador, já que se está sendo reproduzido a partir de um conteúdo original disponibilizado pelo próprio criador.

Segundo Mattar (2009), existem autores que discordam e criticam a proliferação da cultura de vídeos independentes. “Essa proliferação de vídeos amadores é motivo de críticas de alguns autores, como COLLINS e BERGE (2000) e MOORE (2007), para os quais o fenômeno estaria comprometendo a qualidade do material produzido para EaD” (p. 03).

Hoje as redes e mídias sociais podem fazer parte de algo mais complexo e frutífero como TIC e TDIC com diversos conteúdos voltados para educação básica e superior em muitos grupos e canais, porém nem todo conteúdo é confiável, o que dá margem a oportunismo, revisionismo descompromissado com a história e com a ciência, negacionismo de fatos já historicamente e cientificamente estabelecidos, como negação do holocausto, movimentos anti-vacina, entusiastas da ditadura militar, terraplanismo entre outros.

Como objeto de estudo o foco desse artigo é o YouTube e suas vantagens e desvantagens para a educação com o uso das TDIC, principalmente em um momento

histórico em que a polarização política fez da internet uma arena de gladiadores virtuais que em muitos casos se estende para o mundo real desde as manifestações que começaram com os protestos contra o aumento de vinte centavos nas passagens de ônibus em São Paulo. “(...), Todavia, a partir das manifestações de junho de 2013, podemos notar um crescimento de discursos pró-intervencionistas, em um momento politicamente crítico para a esquerda brasileira, em que a direita, ou melhor dizendo, a nova direita, viu uma oportunidade de emergir” (NETO, 2019, p. 84).

Partindo do pressuposto de que o advento da tecnologia, o acesso facilitado à mesma, assim como o surgimento das redes sociais, tem tornado cada vez mais dinâmico o processo de interação social, as relações sociais dão espaço as relações virtuais, principal instrumento de comunicação da atualidade, dando voz a todos e derrubando fronteiras. Ao mesmo tempo em que, as mídias sociais são encaradas como importante instrumento de informação, educação e comunicação, o seu uso para disseminação de ódio e preconceito também se pratica nos dias de hoje (STEIN; NODARI; SALVAGNI, 2018, p. 47).

As pessoas perderam o hábito de checar a veracidade da informação antes de compartilhá-las, gerando ondas de “fakenews”. As mensagens que já chegam prontas em nossos smartphones, sem fonte ou origem que possam comprovar sua veracidade, e que muitas das vezes colocam em dúvidas anos de estudo e ciência comprometem não somente o cidadão no âmbito social, mas também no escolar. Logo, diversos conteúdos foram desvirtuados com objetivos políticos e ideológicos por grupos com interesses em fazer um revisionismo histórico que favoreça setores da sociedade que se opõem a temas humanitários como diversidade de gênero, feminismo, direitos humanos e ecologia, por exemplo.

4 - O Obscurantismo da internet influenciando na educação.

A atual onda de obscurantismo e revisionismo histórico se alastra pela internet de forma rápida e tóxica, a serviço de ideologias conservadoras e/ou obscurantistas comprometendo o aprendizado de história e corrompendo uma geração de estudantes sem compromisso com a verdade, e muito menos com a ciência, baseadas em “negacionismo” histórico que inunda a internet. (NETO, 2019.P.85).

A mesma internet que abriu o leque do conhecimento de forma jamais vista abriu também a caixa de pandora do mundo virtual. Aproveitando o embalo dos últimos anos do consumo massivo de informação, grupos e criadores de conteúdo mal-intencionados (inclusive da área da educação) se dispuseram a prestar grande desserviço a historiografia divulgando conteúdos equivocados, mal embasados, infundados e propositalmente falsificados como uma nova versão da história (STEIN, NODARI, SALVAGNI, 2018, p, 14).

Grupos políticos e ideológicos favoráveis ao governo do presidente Jair Messias Bolsonaro se mostram, desde o início de sua campanha presidencial, abertamente (e muitas vezes ferrenhamente) críticos a temas que envolvam feminismo, diversidade de gênero, socialismo, movimento negro, comunidades indígenas e diversos outros temas com cunho social e se opõem a fatos historicamente estabelecidos por rigorosas e diversas pesquisas, além do consenso acadêmico como por exemplo a ditadura militar brasileira (1964-1985). Dessa mentalidade temos o primeiro ministro da educação do vigente governo o colombiano Ricardo Vélez Rodriguez que afirmava segundo entrevista a revista valor (03/04/19): “A história brasileira mostra que o 31 de março de 1964 foi uma decisão soberana da sociedade brasileira. Quem colocou o presidente Castelo Branco no poder não foram os quartéis [...] Houve uma mudança de tipo institucional, não foi um golpe contra a constituição à época”(apud LEHER, 2019, p. 25)

É importante dizer que a atual onda de revisionismo e negacionismo tem como fonte de inspiração os trabalhos de, principalmente, dois autores brasileiros: o jornalista Leandro Narloch, autor do “guia politicamente incorreto da história do Brasil”, em que lança mão de argumentos polêmicos e apelo emocional e patriótico para revisar conteúdos de grande importância histórica de maneira polêmica. E o astrólogo e autoproclamado filósofo, Olavo de Carvalho. Ambos são idolatrados pelos simpatizantes da direita e o segundo é conhecido como “guru” ou ideólogo do presidente, tendo este nomeado dois ministros da educação por indicação de Carvalho.

4.1 – Distorções e Revisionismo

Os conteúdos do livro de Narloch já foram amplamente utilizados e divulgados em vídeos de canais de cunho político/ideológico como por exemplo o canal do movimento Brasil livre (MBL) onde o vereador de São Paulo, Fernando Holiday, do

democratas apresentou um vídeo em 20/11/2019 com o título “A verdade sobre Zumbi dos Palmares/ por Fernando Holiday” em que já de início se refere a Zumbi como um “suposto herói dos negros.

Em seguida, Holiday afirma que “segundo diversas fontes” Gangazumba seria um descendente de uma família real africana, porém, governante legítimo de Palmares e Zumbi teria dado um golpe de estado ao envenenar Gangazumba para tomar o trono palmarino, no entanto em nenhum momento do vídeo Holiday revela quais são as supostas “diversas fontes”.

Também é afirmado no vídeo que era praticado o escravismo dentro do quilombo dos palmares, mas, não é revelado a causa do suposto escravismo, se é por captura, por dívida, por hierarquia e nem a fonte tal dado. O vídeo faz uma tentativa de relativização ou até mesmo de descrédito a luta palmarina quando Holiday fala: “...a história já havia percebido que na vida de Zumbi nunca houve uma grande garra a favor da abolição ou uma luta por todos os negros do país”.

Essa afirmação é extremamente problemática e anacrônica porque o narrador tenta atrelar a Zumbi algum tipo de descaso ou desinteresse pelas questões propostas pelos movimentos abolicionistas em uma época em que simplesmente esse tipo de pensamento coletivo não existia, além disso, como pode afirmar que Zumbi não se interessava pela liberdade de “todos os negros do país” quando, provavelmente, os habitantes de Palmares, incluindo Zumbi, não teriam como saber a extensão do território brasileiro, a existência ou não de outros grupos de escravos, sua localização e sua condição social.

Para Zumbi, o Quilombo dos Palmares era o seu país e aquele era seu povo. Na segunda metade do vídeo, Fernando Holiday afirma que a imagem de Zumbi, como conhecemos, foi criada na década de 1950 por Darcy Ribeiro, que estaria procurando um ícone representativo nos moldes marxistas no século XVII. No final do vídeo, o vereador Holiday afirma “...o que se pretende criando esse mito de herói (Zumbi) é na verdade ofuscar o grande trabalho de figuras brancas que trabalharam pela abolição, como a Princesa Isabel e Joaquin Nabuco...”

Grupos de direita e de esquerda trocam acusações, ofensas e difamações nas redes sociais de maneira que ambientes que outrora eram utilizados para o lazer e comunicação, como Facebook e Twitter se tornaram praças de guerra virtual envolvendo tanto anônimos como figuras públicas como o atual presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro e seus filhos.

O ambiente escolar tem sofrido grande impacto desse conflito colocando em pauta conteúdos difundidos nessa guerra virtual ideológica, uma vez que os alunos estão constantemente conectados à rede mundial de computadores e tem voltado sua atenção para temas ligados a política e história. Tendo assim sua curiosidade satisfeita, muitas vezes por pessoas despreparadas ou mal-intencionadas alinhadas com projetos políticos que se beneficiariam de revisionismos históricos e negacionismos baseados em falácias e distorções.

5. O YouTube como TDIC contra o obscurantismo

Em contrapartida as tendências obscurantistas que cercam os revisionismos histórico e científico podemos citar dois grupos presentes no YouTube que primam pelo conhecimento baseado nos pilares da ciência, esses grupos são o Science Vlogs Brasil e o YouTube Edu. Esses grupos aglomeram diversos canais ligados não somente as ciências humanas como a ciência em um contexto geral trazendo conteúdos ligados a astronomia, biologia, informática, matemática, história, artes entre outras áreas de estudo certificando seus autores com selos de qualidade conferidos por instituições sérias como a Academia EDU, Fundação Lemann, Sistema de Ensino Poliedro e Google Scholar.

O YouTube Edu é um grupo de 98 canais voltados para o conteúdo de ensinamentos fundamental e médio com foco em pesquisa escolar, no ENEM e nos principais vestibulares do país englobando as mais diversas disciplinas desde 2013.

O projeto é uma parceria entre a Fundação Lemann e o Google, para a criação de uma página exclusiva do YouTube, na qual professores, gestores e alunos podem encontrar conteúdos educacionais gratuitos e de qualidade, em Português. A curadoria dos vídeos foi feita por professores especialistas e altamente capacitados, selecionados pelo Sistema de Ensino Poliedro e coordenados pela Fundação Lemann. Os conteúdos disponíveis são voltados para os níveis de Ensino Fundamental e Ensino Médio, englobando as disciplinas: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências (Química, Física e Biologia), História, Geografia, Língua Espanhola e Língua Inglesa (YouTube Edu, 2020).

O Brasil foi o segundo país (antecedido pelos Estados Unidos) a fazer parte dessa iniciativa de agrupar canais com foco em educação e a curadoria avalia os conteúdos transmitidos pelos professores ou apresentadores aprovando os vídeos que possuam veracidade em suas informações e conteúdos.

O número de inscritos nos canais associados ao YouTube Edu somados supera os trinta milhões, um número bastante expressivo, porém apenas dois canais são específicos para o ensino de história; HistoriAção Humanas e Prof. Charles Camilo, com respectivamente 99,6 mil e 14,9 mil inscritos cada. Os canais mencionados trazem vídeos no formato de aulas para o Enem os temas são abordados de forma objetiva e direta, sem espaço para aprofundamentos ou discursões acerca de contexto ou fontes históricas, diferentemente dos vídeos de páginas como o supracitado MBL que recorre a apelos emocionais e cívicos para incutir uma opinião no espectador. Os vídeos do YouTube Edu não são voltados a formação de opinião, mas sim ao ensino de disciplinas escolares, conteúdo acadêmico e curiosidades científicas.

Outra associação que preza por fontes seguras e embasamento científico é o Science Vlogs Brasil, idealizado por Rafael Bento, então participante da rede brasileira de blogs de divulgação científica ScienceBlogs Brasil, e por Vinícius Penteado, *vlogger* de um canal de divulgação científica.(VELHO, 2019)

SVBr é, além desta aliança entre canais, um selo de qualidade para divulgadores científicos, que garante que um vídeo que o contenha esteja veiculando informações científicas sérias, com fontes reconhecidas e representativas do consenso científico e acadêmico atual, sendo constantemente analisadas pelos pares em uma favorável rede de ajuda mútua e comunicação constante (SCIENCEVLOGS BRASIL, 2016).

O projeto é uma aliança entre canais praticantes de divulgação científica do website de compartilhamento de conteúdo YouTube, aliança essa cujo objetivo é fortalecer a divulgação científica na plataforma e oferecer um selo de qualidade científica ao público dos vídeos. Esse projeto foi criado na web 1.0, onde os formatos de mídia predominantes ainda eram o texto, o chat, com destaque para o MSN Messenger ou o fórum, como por exemplo o super popular no Brasil, OKUT.

Com o surgimento da web 2.0, que é a nossa realidade atual onde podemos ser espectadores e criadores de conteúdo e existe o predomínio das informações audiovisuais, o grupo adotou o formato atual de canais no YouTube. Esse avanço de interatividade alterou drasticamente o sistema midiático no início da década de 2010, o número de leitores dos blogs começou a minguar de forma simultânea ao aumento de acesso a vídeos via Facebook e YouTube. (VELHO, 2019).

A nova versão da Web trouxe de fato consequências positivas. Com ela, os agentes da divulgação ampliaram-se e seus perfis diversificaram-se; as

audiências hoje são maiores e mais distribuídas no globo do que nunca, e novos meios e plataformas permitem a manipulação de uma diversidade de conteúdos e linguagens anteriormente inimaginável. Porém, esta mesma democratização da autoria, aliada ao anonimato promovido nas redes, também trouxe a disseminação de desinformações científicas e a ultra-polarização de discussões científicas social, política e religiosamente sensíveis (VELHO, 2019, p.30)

Os critérios de análise dos vídeos pela equipe do Science Vlogs Brasil são prioritariamente ligados aos métodos de obtenção das informações e a maneira como essas informações são passadas ao público, de forma que se faz necessário que se mantenha confiável e lúdico, uma vez que em um campo competitivo como o YouTube é necessário se manter com características e formatos atrativos para o público jovem dos ensinos fundamental e médio.(VELHO, 2019)

A divulgação científica trata-se da devida exploração na utilização de recursos disponíveis para promover a difusão de informações de cunho científico, tecnológico ou de alguma forma ligada a inovações para o público leigo, ou seja, aquele que consome a informação sem ter o apurado conhecimento técnico da matéria e ainda assim compreenda o conteúdo divulgado mesmo que de forma relativa. (BUENO, 2010)

Em função disso, a difusão de informações científicas e tecnológicas para este público obrigatoriamente requer decodificação ou recodificação do discurso especializado, com a utilização de recursos (metáforas, ilustrações ou infográficos, etc.) que podem penalizar a precisão das informações. Há, portanto, na divulgação científica, embate permanente entre a necessidade de manter a integridade dos termos técnicos e conceitos para evitar leituras equivocadas ou incompletas e a imperiosa exigência de se estabelecer efetivamente a comunicação, o que só ocorre com o respeito ao background sociocultural ou linguístico da audiência. (BUENO, 2010. p. 3)

Os objetivos do projeto ScienceVlogs Brasil, conforme seu website, são maximizar o alcance dos vídeos de cada *youtuber* na plataforma através da citação cruzada (feita pelos colegas de projeto), alcançar maior visibilidade do grupo como um todo, para que ele seja mais conhecido na plataforma, e garantir confiabilidade da informação veiculada (SCIENCEBLOGS, 2016). Os três objetivos mostram-se bastante difíceis de se atacar. Quanto aos dois primeiros, foi visto que é cada vez mais difícil para divulgadores aumentarem os públicos e os inscritos de seus canais, dado que a concorrência na plataforma está maior do que jamais esteve, e é especialmente desleal quando considerados os canais de entretenimento, notícias e tutoriais, que de partida têm probabilidades muito maiores de conseguir maior popularidade do que as demais categorias.

6. Resultados

Finalizando esse artigo podemos ver que sim, existem mecanismos de resistência as falsificações históricas e revisionismos amadores feitos por parte dos influenciadores digitais de extrema direita no YouTube.

Tanto o YouTube Edu, quanto o Science Vlogs Brasil contém canais com profissionais das mais diversas áreas do conhecimento dispostos a propagar conteúdo de qualidade para o público, inclusive com conteúdos direcionados para vestibulares.

Porém a situação ainda não se mostra favorável aos divulgadores de conteúdo científico se comparado em números de inscritos e visualizações, com os principais canais suspeitos de trazer distorções em seus conteúdos como por exemplo:

O canal do Movimento Brasil Livre (MBL) possui 1.29 milhões de inscritos e cerca de 60.000 visualizações por vídeo nas primeiras 24 horas após o lançamento.

Outro canal de extrema direita, o do músico Nando Moura possui 3,21 milhões de inscritos e entre 100.000 e 300.000 visualizações por vídeo novo em seu canal.

Enquanto isso divulgadores científicos como o canal Leitura Obrigahistória, do historiador catarinense Icles Rodrigues possui apenas 257.000 inscritos com uma média de 2.500 visualizações por vídeo recém lançado nas primeiras 24 horas. O canal Xadrez Verbal, do historiador Felipe Figueiredo conta com 132.000 inscritos e uma média de 600 visualizações por vídeo na primeiras 24 horas, os canais do YouTube edu com 381.000 inscritos e Science Vlogs Brasil com 64.000 inscritos. No caso de YouTube Edu e SVB tratam-se de comunidades de canais onde somados o número de inscritos dos canais associados torna-se bem mais expressivos do que o número de inscritos nas páginas dos projetos em si.

7. Considerações

De acordo com os dados apresentados podemos concluir que a necessidade de combater o fenômeno das Fake News, os revisionismos histórico/científico e distorções dos mais variados tipos envolvendo a história, fez surgir como um tipo de reação um movimento pró ciência e pró história no YouTube.

Mesmo que os canais e influenciadores, na sua maioria da extrema direita, sejam visualizados e seguidos por milhões de pessoas e tenham com isso muita monetização e patrocínio para seus vídeos, temos hoje dois grupos que lutam para manter a ciência acessível para a comunidade o YouTube Edu e o Science Vlogs Brasil.

Os dois grupos tem objetivos específicos diferentes, o YouTube Edu é voltado, principalmente para o ENEM e para vestibulares enquanto o SVB possui um viés de manter a discursão acadêmica viva dentro da web 2.0

Em ambos os casos são iniciativas importantes para anular a narrativa revisionistas como do canal citado do Movimento Brasil Livre (MBL), que mesmo não sendo um canal voltado para a educação tem impacto relevante nos estudantes da educação básica, criando conceitos falsos e a destruição de símbolos em nome de um projeto político, como foi mostrado no vídeo sobre Zumbi dos palmares. (HOLIDAY, 2018)

Para medir em um cenário mais amplo, com mais rigor e precisão o impacto das Fake News, revisionismos e outros elementos destoantes do consenso acadêmico no conhecimento histórico e no imaginário coletivo dos estudantes da educação básica seria necessário um trabalho mais amplo, tanto nas fontes de pesquisa, quanto no tempo de trato dessas fontes além do investimento intelectual, emocional e financeiro.

8. Referências

BRIGSS, Asa, 1921- B864h. **Uma história social da mídia:** de Gutenberg à Internet. 2.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

BUENO, Wilson Costa. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. **Informação & Informação**, [S.l.], v. 15, n. 1esp, p. 1-12, dez. 2010. ISSN 1981-8920. Disponível em: . Acesso em: 06 mar. 2017.

BURGESS, Jean. **YouTube e a Revolução Digital:** como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. São Paulo :Aleph, 2009.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet:** reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003

COSTA, Caio Túlio. **Verdades e mentiras no ecossistema digital Revista.** USP São Paulo • n. 116 • p. 7-18 • janeiro/fevereiro/março 2018

DEMO, Pedro. **Introdução à Metodologia da Ciência.** SP: Atlas, 1995

HOLIDAY, Fernando. **A VERDADE SOBRE ZUMBI DOS PALMARES**, 15 nov. 2018, Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=J_G9sTplw5E> Acesso em 15 jan. 2020
IBGE. (20 de dez de 2017). **Estatística social , PNAD Contínua TIC 2017: Internet chega a três em cada quatro domicílios do país.** Fonte: publicado pelo site agenciadenoticias.ibge.gov.br: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23445-pnad-continua-tic-2017-internet-chega-a-tres-em-cada-quatro-domicilios-do-pais>

LEHER, Roberto. **Autoritarismo contra a universidade:** o desafio de popularizar a defesa da educação pública. São Paulo: fundação Rosa Luxemburgo, Expressão popular, 2019.

LUDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986. 99p.

MATTAR, João. **YouTube na educação:** o uso de vídeos em EAD. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2009.

NETO, Geraldo Homero do Couto. A “nova direita” no youtube: conservadorismo e negacionismo histórico sobre a ditadura militar brasileira. **Revista Ágora** • Vitória • n. 29 • 2019103 ISSN: 1980-0096

OLIVEIRA, Thaianee.. **Ciência no YouTube: redes de autoridade e diferentes linguagens da comunicação científica na era digital.** Niterói, RJ – 27 de outubro de 2017. Disponível em : <<https://www.researchgate.net/publication/325999105>>

POWELL, Arthur Belford. **O uso do vídeo e da Internet para estudar a aprendizagem e o ensino.** Minicurso oferecido durante a 31ª Reunião Anual da ANPEd – Associação

Nacional de Pós-Graduação em Educação. CaxambuCaxambu, 20 a 21 out. 2008. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/3minicurso/minicurso>>.

SCIENCEBLOGS. **About ScienceBlogs.com** . 2006. Disponível em <<https://web.archive.org/web/20070710164443/http://scienceblogs.com/channel/about.php>>. Acesso em 14 ago 2018.

SCIENCEVLOGS BRASIL. 2016. Disponível em <<http://sciencevlogsbrasil.com.br/>>. Acesso em 22 jan 2020.

STEIN, Marlucci; NODARI, Cristine Hermann; SALVAGNI, Julice. Disseminação do ódio nas mídias sociais: análise da atuação do social media. **INTERAÇÕES**. Campo Grande, MS, v. 19, n. 1, p. 43-59, jan./mar. 2018

VELHO, Raphaela Martins Guedes de Azevedo, 1991- V543p **Vel O papel dos vídeos de ciência na divulgação científica : o caso do projeto ScienceVlogs Brasil** / Raphaela Martins Guedes de Azevedo Velho. – Campinas, SP : [s.n.], 2019.

SMOSINSKI, Suellen. YouTube lança plataforma de educação com 8.000 vídeos de ensino médio. **UOL**, 2013. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2013/11/21/youtube-lanca-canal-de-educacao-com-8000-videos-de-ensino-medio.htm>> Acesso em 04 de fev. 2020

YouTube Edu disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCs_n045yHUiC-CR2s8AjIwg/about> Acesso em 02 de fev. 2020

Números de inscritos e visualizações disponíveis em : MBL <<https://www.youtube.com/channel/UC8QAdpiEWAog3AOCCFDCOYw>>; Nando Moura <<https://www.youtube.com/user/MrNandomoura101>>; Leitura Obrigahistória <<https://www.youtube.com/channel/UCtMjnvODdK1Gwy8psW3dzrg>>; Xadrez Verbal <<https://www.youtube.com/user/xadrezverbal>>; YouTube Edu <https://www.youtube.com/channel/UCs_n045yHUiC-CR2s8AjIwg>; e Science Vlogs Brasil <<https://www.youtube.com/channel/UCqiD87j08pe5NYPZ-ncZw2w>>. Acessos em 04 de mar. 2020.